

## MUITO ALÉM DO SEU JARDIM

*Fernando Almeida<sup>1</sup>*

Vinte anos depois da divulgação do Relatório Brundtland, em 1987, alguns setores da sociedade começam a compreender que a paz não será possível enquanto houver fome e miséria no mundo, não importa onde ela esteja. Parece óbvio, mas não é. Em um mundo em que a tecnologia encurta as distâncias, empresas e governos começam a perceber que só cuidar do seu próprio quintal não será suficiente para garantir a prosperidade, seja de seus países, seja de seus negócios.

Um dos sinais mais claros desse entendimento foi emitido ano passado pelos componentes do Comitê Norueguês da Fundação Nobel. A escolha do banqueiro indiano Muhamed Yunus para Nobel da Paz 2006 por seu trabalho à frente do Grameem Bank revelou que a Fundação Nobel já entendeu que a melhoria da qualidade de vida nas camadas mais baixas, a chamada base da pirâmide, é condição essencial para o avanço dos direitos humanos, da democracia, da dignidade, da cidadania, do respeito, da paz.

O Nobel do banqueiro, porém, vai mais além. Prova que investir na base da pirâmide não precisa ser uma atividade meramente filantrópica. Ela pode e deve ser lucrativa. O que começou em 1976 como uma idéia impossível, oferecer crédito para pessoas sem qualquer garantia financeira, mostrou-se não só um instrumento de melhoria da qualidade de vida, diminuição da fome, da miséria e aumento do índice de desenvolvimento humano. Mostrou-se também um empreendimento lucrativo a ponto de ter sido copiado e implantado com sucesso em mais de 58 países. O Grameen Bank tem hoje 1.084 unidades, 12.500 funcionários e mais de seis milhões de clientes em 71 mil aldeias. Sua alta taxa de recuperação, 98% dos empréstimos são quitados, é a prova de que o negócio da sustentabilidade é mais que viável. É um bom negócio.

A certeza de que essa relação vem sendo assimilada é a boa notícia. A má notícia é que ela é lenta para a velocidade da degradação. A dicotomia entre a urgência de mudança e o tempo para processá-la, antes que os recursos naturais se esgotem e os conflitos sociais tornem-se incontornáveis, define o cerne do meu segundo livro "Os Desafios da Sustentabilidade: Uma Ruptura Urgente", lançado recentemente pela Editora Campus Elsevier.

A capacidade de articulação entre governo, empresa e sociedade civil vai determinar a velocidade da mudança de atitude, que pode acelerar a transição de um mundo baseado em um modelo esgotado de relações ambientais,

---

<sup>1</sup> Fernando Almeida é carioca, engenheiro, presidente executivo do CEBDS (Conselho Empresarial Brasileiro para o Desenvolvimento Sustentável), professor da UFRJ e autor dos livros "O Bom Negócio da Sustentabilidade" e "Os Desafios da Sustentabilidade: Uma Ruptura Urgente".

econômicas e sociais, para a nova era da sustentabilidade. Uma era em que pequenos, médios e grandes empresários, governos, instituições acadêmicas, sociedade civil, consumidores, cidadãos entendam que promover, incentivar e exigir produtos, processos, empreendimentos e atividades sustentáveis é uma obrigação de todos. Um compromisso que temos que assumir com as futuras gerações.

No setor privado o ambiente operacional para as empresas vem se tornando mais complexo a cada dia. A licença para operar hoje abranje muito mais que o cumprimento de formalidades e exigências governamentais. Em um número crescente de países o conceito de responsabilidade civil vem sendo incluído na legislação e argüido em julgamentos. A sociedade vem demandando das empresas uma atitude de maior responsabilidade e transparência. O conceito de responsabilidade legal vem evoluindo para o conceito de responsabilidade moral, especialmente para aquelas empresas detentoras de passivos ambientais ou sociais. Para essas o castigo maior não são as multas governamentais, mas a perda de mercado imposta por um consumidor consciente e bem informado.

Hoje em dia para uma empresa fazer frente a esses desafios não basta compreender apenas as características econômico-financeiras de suas próprias operações, mas também as dinâmicas políticas e sociais que tem influência sobre suas atividades cotidianas. Trata-se de uma condição essencial à recriação do modelo tradicional de desenvolvimento em novas bases, integrando a atividade econômica com as dimensões social e ambiental.

No contexto da sustentabilidade, a palavra que personifica essa preocupação é de difícil simplificação. Stakeholder, ou grupo de interesse, significa qualquer indivíduo ou instituição que afete ou possa afetar as atividades de um determinado grupo, assim como é ou pode ser afetado pelas atividades daquele mesmo grupo. Engajamento de stakeholders é o processo de envolver ativamente os diversos grupos sociais nas atividades da empresa em busca de compreensão mútua e interação. Não é mais suficiente que uma empresa apenas informe o público sobre suas operações. É preciso que ela envolva ativamente seus stakeholders através do diálogo e outros mecanismos de informação e consulta.

O envolvimento do stakeholder ajuda a renovar a visão que os gestores têm da empresa e de si próprios. O envolvimento real, aquele que procura ouvir o que seus públicos têm a dizer, principalmente os mais críticos, exige paciência e disposição, mas é recompensado. À medida que agregam mecanismos de engajamento na cultura corporativa da empresa, os gestores modernos se abastecem para tomar decisões mais consistentes, criativas e perenes. Devemos estar preparados. Empresas sólidas na área de sustentabilidade, porém voltadas apenas para seus próprios umbigos, não escaparão das demandas da sociedade

por colaboração na solução de questões externas tais como aquecimento global e miséria.

Transmito meus parabéns pela iniciativa de lançar na Internet a página Agenda 21 Empresarial. Além de espaço para permanente consulta e troca de informações em tempo real, esta nova página tem um significado que merece ser ressaltado: representa concretamente um espaço de interface entre governo, as empresas e a sociedade civil organizada.

O entendimento entre esses três setores é imprescindível para implantarmos, com a maior urgência possível, um novo modelo de desenvolvimento que contemple de forma

Articulada e integrada às dimensões econômica, social e ambiental.